



JERUSALÉM

Conflito em Gaza espanta peregrinos

Mesmo com segurança reforçada, a procissão da Sexta-Feira da Paixão pelas vielas da Cidade Velha atraiu este ano um número menor de cristãos e turistas. Palestinos relataram dificuldades para chegar à Mesquita de Al Aqsa

Os mais de cinco meses da guerra deflagrada por Israel contra o movimento islamita Hamas na Faixa de Guerra impactou fortemente nas festividades da Semana Santa em Jerusalém. Mesmo com a segurança reforçada, ontem, um número de peregrinos inferior ao normalmente registrado foi às ruas da Cidade Velha para participar da procissão da Sexta-Feira da Paixão, que, segundo a tradição, refaz o caminho percorrido por Jesus Cristo antes de ser crucificado.

O patrulhamento foi ostensivo pelas vielas estreitas da Cidade Velha, sagrada para judeus, cristãos e muçulmanos, e situada em Jerusalém Oriental, ocupada e anexada por Israel desde 1967. Este ano, por uma coincidência de calendário, também passaram pelas ruas milhares de palestinos que celebram o jejum do Ramadã, mês sagrado do Islã, a caminho da oração de sexta-feira na Mesquita de Al Aqsa.

Para todos que estavam ali, foi inevitável falar sobre a guerra, iniciada em 7 de outubro do ano passado, após um ataque sem precedentes de extremistas do Hamas no sul de Israel, que deixou 1.160 mortos, a maioria civis. “É muito emocionante estar aqui nesta Sexta-Feira Santa. Sentimos uma profunda tristeza, provavelmente mais forte por causa do que acontece (em Gaza)”, disse o australiano John Timmons, admitindo ter pensado várias vezes antes de viajar.

No percurso da Via Dolorosa, que começa no local onde, segundo a tradição, Jesus foi condenado à morte, havia fiéis de todas as idades, homens de batina, outros levando cruzes de madeira, além de religiosos e turistas. Caminhando pelas ruas de pedra branca, o italiano Mario Tioti disse ter sentido que a santidade da cidade transcendia todas as tensões. “É um lugar muito especial. Podemos sentir Cristo. Ele caminhou por aqui”, disse o peregrino de 64 anos.

Por sua vez, o americano James Joseph, residente em Jerusalém há anos e conhecido como “Jesus”, comparou a guerra em Gaza ao episódio do “Massacre dos Inocentes”, relatado no Evangelho, no qual Herodes, rei da Judeia, ordena a morte de milhares de bebês. “O



Clérigos e escoteiros à frente do cortejo que percorreu a Via Dolorosa até a Basílica do Santo Sepulcro



Muçulmanos participam das orações do meio-dia no terceiro local sagrado do Islã

sofrimento desses inocentes (em Gaza e Israel) é trágico, mas não é em vão”, disse à agência de notícias France Presse (AFP) na Basílica do Santo Sepulcro, onde, segundo as inscrições, Jesus ressuscitou dentre os mortos.

No interior da igreja, fiéis entoaram cânticos, acenderam velas e abraçaram a pedra da unção, local onde Jesus foi lavado e envolto em um sudário antes de ser levado para o sepulcro. Alguns não escondiam a satisfação com o número

reduzido de turistas. “Na última vez que vim, havia muita gente tentando entrar na tumba (de Cristo)”, comentou o americano Timothy Curtiss, acrescentando: “Era como se fosse a Disneylândia. Este ano, entramos diretamente.”

Medo

Enquanto isso, para alguns palestinos, chegar à mesquita de Al Aqsa, o terceiro local santo do Islã, foi sinônimo de obstáculos. Linda Al Khatib explicou que o dispositivo de segurança israelense transformou o trajeto em um calvário. Ela contou ter gasto 45 minutos de seu povoado, nos arredores de Jerusalém, até a mesquita — um percurso que, normalmente, não leva 10 minutos.

“Vim rezar porque é um dia muito especial, sobretudo durante o Ramadã, mas estou muito triste, não há muitos visitantes e não há ninguém. Senti medo durante todo o trajeto”, admitiu. Em Gaza, foi mais um dia de intensos

» Papa Francisco não vai à via-crucis

O papa Francisco, de 87 anos, cancelou de última hora sua participação na via-crucis, ontem à noite, no Coliseu de Roma. “Para preservar sua saúde, na preparação para a vigília de amahã (hoje) e a missa do Domingo de Páscoa, o papa Francisco acompanhará (a cerimônia) da residência de Santa Marta”, informou o Vaticano em um comunicado. Depois do anúncio, poucos minutos antes do início da celebração, os organizadores retiraram a cadeira do papa, posicionada em uma colina em frente ao grandioso monumento histórico. No ano passado, o pontífice argentino também cancelou sua participação por motivos de saúde, mas a ausência foi avisada com antecedência. Na época, ele se recuperava de uma hospitalização devido a uma bronquite.

bombardeios, segundo o Hamas, que governa o território desde 2007. Pelo menos 70 pessoas morreram, de acordo com o movimento islamita.

Ao mesmo tempo, uma sequência de bombardeios israelenses contra posições do movimento libanês Hezbollah na Síria e no Líbano deixaram dezenas de mortos, numa escalada no enfrentamento aos aliados do Hamas, que alimenta o temor de uma conflagração regional.

O Exército israelense não comentou os bombardeios na Síria, mas anunciou ter matado o subcomandante encarregado da unidade de mísseis do Hezbollah, Ali Naim, em um ataque no Líbano.

O grupo libanês — aliado do regime sírio, do Hamas e do Irã — anunciou o “martírio” de sete de seus combatentes, inclusive Ali Naim, sem detalhar onde ou quando morreram. Desde o início do conflito em Gaza, o Hezbollah vem atacando quase diariamente alvos no norte de Israel.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Castelo de cartas na vizinhança

A eleição presidencial do fim de julho na Venezuela se apresenta desde já como ponto focal de uma reacomodação política mais ampla no cenário sul-americano. Pela perspectiva do Planalto e do Itamaraty, o desafio vai muito além do mal-estar com Nicolás Maduro, aliado de longa data do presidente Lula, após a troca de duros comunicados oficiais em torno da recente exclusão de mais uma candidatura opositorista.

A crise política no vizinho bolivariano espelha uma reordenação geral no sistema de alianças e equilíbrio entre os governos de esquerda e direita na região. Posições se cruzam e convergem diante de uma sucessão de movimentos que exigem atenção e jogo de cintura dos que planejam política externa. Para a diplomacia brasileira, o papel de liderança delineado para o terceiro governo Lula se assemelha ao exercício delicado de erguer um castelo de cartas.

Uns e outros

A nota em que o Itamaraty expressa “expectativa e preocupação” com o processo eleitoral venezuelano não é

única, e não por acaso é de autoria exclusiva. A despeito de marcar uma mudança de tom nas relações com Caracas, usa vocabulário bem mais cuidadoso que o texto assinado, entre outros, pelos governos de Argentina, Uruguai, Paraguai, Peru e Equador — todos inclinados à direita.

Sintomaticamente, também o governo da Colômbia, chefiado pelo ex-guerrilheiro Gustavo Petro, ficou à parte da declaração conjunta firmada pelos vizinhos. A nota de Bogotá, não por coincidência, usa termos semelhantes aos escolhidos por aqui. Em comum, a advertência de que Maduro, ao vetar adversários na disputa, vai de encontro ao espírito do acordo fechado com a oposição no ano passado, em Barbados — tendo o Brasil como uma espécie de fiador. Por ele, o presidente venezuelano comprometeu-se com a realização de eleições “livres e justas”.

Só entre nós

À parte as afinidades colecionadas desde a eleição de Petro, primeiro esquerdistas a governar a Colômbia, Lula

compartilha com o colega uma visão estratégica para o processo de integração latino-americana. Ambos se empenham em construir um ambiente que permita gerenciar crises sem interferências externas à região — em particular, dos EUA.

A Colômbia, em especial, foi durante décadas uma “cabeça de ponte” para Washington na América do Sul. Chegou a abrigar bases e assessores militares norte-americanos como parte do combate às guerrilhas de esquerda. Inclusive o Movimento 19 de Abril, ao qual pertenceu o atual presidente, um dos artífices da desmobilização do grupo e da reinserção na vida civil, em 1991. De raízes mais propriamente nacionalistas que marxistas, o M-19 tinha no ataque à “ingerência imperialista” um dos eixos programáticos.

Metralhadora giratória

Gustavo Petro protagoniza, em outra frente, mais uma situação que inspira cautela e cuidados no Itamaraty e no Planalto. A semana termina sob impacto da expulsão dos diplomatas

argentinos acreditados na embaixada em Bogotá. A decisão foi tomada pela Casa de Nariño, sede da presidência colombiana, em resposta a uma entrevista na qual o presidente ultradiretista Javier Milei se referiu ao colega como “um terrorista assassino” — referência a seu passado na luta guerrilheira.

Não foi a primeira ofensa de Milei a Petro, que já classificou o adversário como “ignorante” sobre marxismo e ciência política em geral. Tampouco a rusga com Bogotá é a única no horizonte mais imediato da Casa Rosada. Conhecido por cultivar uma retórica agressiva, sem papas na língua, o presidente argentino aproveitou a mesma entrevista para atacar outro governante esquerdistas da região, o mexicano Andrés Manuel López Obrador.

À francesa

A semana para Lula, na política externa, teve como compensação as imagens amenas da longa visita do presidente da França. Emmanuel Macron esteve na Amazônia, no litoral do Rio de Janeiro, no coração financeiro de São Paulo e no centro do poder, em Brasília. A parte festiva da agenda contemplou afagos e recursos vultosos para o combate às mudanças climáticas,

o lançamento de um submarino construído em cooperação, com transferência de tecnologia francesa, e a promessa de retorno do hóspede para a cúpula do G20, em novembro, no Rio.

A pauta política, no entanto, não deixou passar a diferença pública entre os dois governantes sobre o acordo comercial entre União Europeia e Mercosul. O visitante escolheu a escala paulistana para reafirmar a oposição ao texto, firmado em 2019, ao fim de duas décadas de negociações, mas empacado na etapa de revisão pelas partes. Atento à turbulência em seu país — e nos vizinhos — causada pela resistência do agro local à concorrência dos produtos sul-americanos, Macron insistiu na inclusão de cláusulas que imponham barreiras de ordem ambiental às commodities exportadas pelo Mercosul.

Depois da reunião mantida no Planalto, o visitante encerrou a turnê e embarcou de volta a Paris sem comentar a resposta dada pelo anfitrião em entrevista coletiva conjunta. Lula, que aponta um viés protecionista embutido no “pacote verde” da UE, lembrou que o acordo não é discutido entre os dois governos, mas entre os dois blocos. Sugeriu ao convidado que apresente as queixas aos parceiros europeus e à própria equipe de negociadores.